

Contos de amor, desejo e perda¹

João de Mancelos

Três contos do livro

O frágil silêncio dos icebergues

Viajávamos sempre à noite, por vias secundárias, longe das autoestradas, bordejando fiordes batidos pelo vento e pelo mar. Só parávamos para abastecer em lugarejos com o nome de antigas princesas viquingues e navegadores esquecidos, rebanhos de casas de madeira, pintadas de ocre. Exaustos, adormecíamos em motéis na orla da floresta, onde não pudéssemos ser reconhecidos. Registávamo-nos só com o meu nome, fingíamos ser um casal e nunca permanecíamos mais de um dia. Eu e tu na longa noite nórdica, fugitivos rumo à incerteza.

A primeira vez que ele te espancou foi um mês após o casamento. Enfureceu-se de ciúmes, apenas por te ver a conversar com um vizinho que mal conhecias, à entrada de casa. Porque na mente doentia dele, uma suspeita era considerada uma prova. Jazeste meia hora no chão, abraçada às pernas, em choque, entre lágrimas, implorando piedade. Não pudeste acreditar que um dia beijaras o colosso de punhos cerrados, como um deus de ira, a sua sombra violenta abatida sobre ti.

Após recuperares do choque e da incredulidade, quiseste terminar o casamento e denunciá-lo à polícia; ele ameaçou tirar-te tudo: a casa, o dinheiro, a vida. Começara a queda vertiginosa nas bofetadas, murros, pontapés e palavras como gumes em brasa. Quando o ato de amor se tornou violação, quando te fez submissa no teu próprio sono, quando passaste a dormir nos braços do inimigo, perdeste-te. Logo a depressão chegou, com passos de veludo, a coberto da insónia. Eras um edifício em demolição lenta, fragmento a fragmento, até te transformares apenas em pó.

Foi há três dias, mas pareceu-me terem transcorrido mil anos. Acordei, estremunhado, a meio da noite, com o telefone da mesa de cabeceira a tocar. Levantei o auscultador.

A tua voz tremia, do outro lado:

“Aconteceu. Vem buscar-me ao sítio que combinámos.”

“Estás bem?”

¹ Mancelos, João de. *Contos de amor, desejo e perda*. Lisboa: Edições Colibri, 2018. ISBN: 978-989-689-282-1.

“Foi mau”, pausaste, “mas não tenho nada partido.”

Suspirei e disse-te:

“Traz dinheiro, documentos, roupas, o que for preciso...”

“Tenho tudo pronto e —”

“Sim?”

“Levo o revólver também.”

“E ele?”

“Dorme, completamente bêbedo.”

“Estou aí em trinta minutos.”

“Não te atrases, por favor. Tenho medo.”

Desliguei o telefone e vesti-me rapidamente.

Era apenas uma questão de tempo até acontecer e ambos o sabíamos. Por isso, preparáramos tudo com antecedência, desde o local de encontro ao destino a seguir, passando pela bagagem e amigos a avisar. Retirei do armário a mala que já tinha pronta e algum dinheiro, para evitar o recurso ao cartão de crédito. Rabisquei uma nota para o meu colega de casa, uma das poucas pessoas que conheciam os nossos planos, e prendi-a por um magneto à porta do frigorífico. Olhei em redor. Talvez não regressasse.

Estava um frio gélido na rua, que a ventania soprada pelo Mar do Norte volvia cortante. Nevara algumas horas, na véspera, e um manto branco cobria as casas, os passeios e os caminhos. Conduzi, com cautela, através da cidade adormecida, alheia ao nosso drama. O coração batia-me, descompassado, por não saber o estado em que te encontravas.

Os edifícios cederam lugar à floresta de pinheiros nórdicos, frondosa e branca. Não tardei a ver a pequena ponte cruzando o rio, a dois quilómetros de tua casa. Encontravas-te sentada sobre o muro, com uma mala e uma mochila de campismo poisadas na berma, a teu lado. Na mão direita, seguravas ainda um revólver, a tremer. Calçavas botas de montanha, vestias calças de ganga e um anoraque azul e longo. Parecias mais perdida do que nunca.

Saí do jipe e abracei-te. Tinhas o lado direito da face pisado e os olhos raiados de sangue.

“Escuta-me bem”, disse-te. “Tens a certeza? É mesmo isto que queres?”

“Absoluta. É agora ou nunca.”

“Não preferes apresentar queixa?”

“E se fizesse isso, iria para onde?”

“Para minha casa, é claro.”

“Ele sabe que fomos namorados. Procurava logo aí.”

“Sabes que ele virá atrás de nós, de qualquer maneira...”

Abanaste a cabeça.

“Não fico nem mais um minuto.”

Recolhi-te a bagagem. Nenhum de nós olhou para trás, quando nos afastámos da cidade, rumo à costa. Tínhamos um plano; frágil, mas ainda assim um plano. Atrair o colosso o mais possível para norte até ele nos perder o rasto. Depois, cruzávamos a fronteira da Noruega para a Suécia. Então, largaríamos as estradas secundárias e tomaríamos uma das grandes vias que conduzem ao sul. Com a ajuda de um casal amigo, recomeçaríamos, em Estocolmo, livres e longe do medo.

Ao terceiro dia de fuga, pernoitámos num motel isolado, após uma jornada de seiscentos quilómetros, exaustos de tanta e tanta estrada. Abraçamo-nos, sob um chuveiro deliciosamente quente. Pouco a pouco, o cansaço dissolveu-se, e deu lugar ao sono. Poisei o queixo sobre a tua cabeça. O corpo contava a tua história: uma cicatriz na fronte, de quando ele te atirou com uma garrafa de vodka; um dedo fraturado que soldou mal, resultante de uma cena de ciúmes; mais recentes, os hematomas ao longo dos braços e no rosto.

Beijei as tuas feridas, uma a uma.

Durante o resto da noite e boa parte da manhã, dormiste, intermitentemente. Eu tive insónias. Suponho que fosse do rol de cafés que tomara para me manter acordado ao volante. E também do medo. Sempre que ouvia um automóvel estacionar no parque de gravilha do hotel, erguia-me, sobressaltado, da cama, afastava cautelosamente os cortinados e espreitava. Era apenas um camião de transportes internacionais, com matrícula finlandesa. Suspirei fundo. O colosso conduzia um Cadillac da década de sessenta, negro, brutal, de cromados flamejantes, impossível de ignorar. Podia alcançar-nos num ápice, se desejasse, e devia estar a caminho.

O teu sono era inquieto e, não raro, estremecias ou murmuravas frases sem nexos. Abanei-te o ombro até entreabrires os olhos:

“Estavas a ter um pesadelo?”

Esfregaste o rosto.

“Sim. Com ele.”

“Não te preocupes. Aqui é seguro.”

“Por enquanto.”

“Não ficaremos muito tempo.”

“Achas que um dia nos vai descobrir?”

“Não sei”, encolhi os ombros. “E tu?”

“Ele ama-me demasiado para me deixar ir.”

Pensei: e odeia-te em igual medida, por o teres abandonado. No fundo, ambos sabíamos que seria uma questão de tempo até o teu marido nos alcançar. Podemos esconder-nos de um lobo esfomeado, mas nunca nos escapulimos dele. Somos animais feridos e ele fareja o sangue

da presa, em fúria por a ter deixado fugir. Não importa quão vasta é a floresta, nem alta a neve que cobre as nossas pegadas, nem densa a noite em que nos acoitamos.

Ele encontrar-nos-á.

Instintivamente, contemplei o revólver poisado na mesa de cabeceira. Ignoro se seria capaz de o usar; mas tenho a certeza de que premirias o gatilho, porque há muito ultrapassaste o limite, e preferes morrer lutando.

Voltei a deitar-me nos lençóis frios, sem conciliar o sono. Também estavas acordada.

Perguntaste:

“Algum dia viste um icebergue?”

“Ao vivo? Nunca. Só na TV e em fotos.”

“Compreendo.”

“Porquê?”

“No outono dos meus quinze anos, o meu pai levou-me a ver os icebergues.”

“Onde? Já quase não há, na costa norueguesa.”

“A norte, muito a norte. Para lá de Spitzbergen.”

“A viagem deve ter custado uma fortuna, não?”

“Nem por isso. Porque aproveitámos a boleia do navio oceanográfico de um colega do meu pai.”

“E gostaste?”

“Se gostei? Tive uma epifania. Foi o melhor presente de aniversário que alguém me podia dar.”

“A sério?”

Fechaste os olhos.

“Debaixo do sol do Ártico, os icebergues pareciam massas de fogo, não de gelo.”

“Consigo imaginar.”

“E o melhor de tudo sabes o que era?”

“Não.”

“O silêncio. Só se ouvia o marulhar das ondas. Uma calma surreal. Nunca me senti tão tranquila.”

“Muito melhor do que na TV, suponho.”

“Podes crer.”

Ficámos uns instantes sem dizer palavra.

“É loucura, eu sei. Mas, quando eu estava de rastos, a sangrar, no chão da cozinha, só conseguia pensar numa coisa: na paz dos icebergues.”

Abracei-te. Aninhaste-te em mim.

Amámo-nos naquele quarto de hotel perdido a norte. Até não existir mais nada senão nós e tudo aquilo que o amanhã trouxesse. Até o colosso se desvanecer como uma memória longínqua. Até as feridas sararem e as cicatrizes ganharem a cor da pele sã. Por fim, até escutarmos o som dos icebergues quando deslizam pelo oceano e se dissolvem, tranquilamente, na noite mais profunda.

Bela, a princesa do salão de jogos

Recordo-me da primeira vez que a vi, em agosto de 1986, e o fascínio que me provocou. Aos dezasseis anos, Bela era a princesa do salão de jogos. A reduzir a pó naves extraterrestres, a conduzir motas de alta cilindrada nos circuitos mais sinuosos ou a combater o irado King Kong, com aeroplanos, ela batia os melhores. Máquina onde Bela se encontrasse atraía um séquito de adolescentes borbulentos, só para a verem jogar. A rapariga mesmerizava a audiência com a sua coreografia: gingava as ancas, desfechava murros no vidro dos “flippers”, quase arrancava o manípulo de disparar lasers, e soltava mais palavrões do que o papagaio de um pirata.

Bela. O nome assentava-lhe na perfeição. Imaginem Vénus de Milo vestida com sapatilhas cor-de-rosa, “jeans” justos, cabelo de azeviche cingido por uma bandolete azul-bebé, e uma camisola de manga-curta que revelava o suficiente para inspirar os sonhos de rapazes, nas noites infundas daquele agosto. Alta para a idade, modelada, sem se confundir com as raparigas das revistas que escondíamos debaixo do colchão, Bela era o protótipo da adolescente digna de anúncio ou de filme. Apresentável a pais e avós; alvo da admiração dos rapazes e dos ciúmes das raparigas.

Cedo, a jovem descobriu um segredo: a beleza pode converter-se em desejo; e o desejo, em poder. Basta saber usar a arma sedutora, e a rapariga tinha um arsenal. Embora as bebidas alcoólicas fossem proibidas a menores, sob pena de multa ou de encerramento, Bela era uma exceção. O dono do bar fechava os olhos, porque a jovem atraía clientes e animava toda a arcádia. Os rapazes competiam entre si para lhe trazerem uma cerveja ou uma *Coca-Cola* com rum, entre os jogos. Bela nem se preocupava em pagar-lhes — e jamais alguém seria tão sovina que lhe exigisse o dinheiro. A jovem também nunca ficava sem moedas, pois havia sempre um benfeitor, pronto a separar-se da mesada, para lhe financiar mais uma partida.

Então, dançando sempre, Bela segurava na cerveja e serpenteava até ao bar, onde os motoqueiros do clube trocavam fanfarrônicas e alargavam o estômago, copo a copo. Rapazes serão sempre rapazes, mesmo aos quarenta. Ela sabia-o e tinha-os pelo beicinho. Bastava-lhe posar junto à caixa de música, para que um tipo de casaco e calças de couro disparasse a questão habitual: “O que queres ouvir?” Bela não apreciava a “pop” ou a música de discoteca. O seu

peito batia pelos Rolling Stones, Motörhead ou Metallica. Elegia um tema acelerado e, depois, dançava com o sedutor que houvesse metido as moedas.

Tudo tinha um preço, mas nem tudo podia ser pago: era outro princípio pelo qual Bela se regia. Apesar da sua fama de namoradeira, alimentada pelos rapazes e homens que rejeitara, presunçosamente, Bela era intocável e intocada. Recordo-me de uma noite de sábado, em que o salão de jogos se encontrava à pinha, por causa de um encontro de motoqueiros de norte a sul do país. Os Motörhead tocavam na caixa de música: um som duro e eletrizante, ao qual era inútil resistir. Bela movia-se com graciosidade, cerrando os olhos e entregando o corpo à música, perdida num mundo seu, enquanto segurava no copo de cerveja, sem entornar uma gota.

Um friso de lobos solitários observava-a, encostado ao balcão, salivando, apesar de terem filhas da idade dela. Um dos aceleras locais não tirava os olhos da rapariga. Era um indivíduo alto e magricela, com pelo menos vinte e cinco anos, cara de fuinha, cabelo loiro longo, camisola com um viquingue estampado, chamado Nelson. De súbito, o motoqueiro ganhou coragem, graças a um copo de vodka, e caminhou para Bela, em passadas largas. Ela sorriu-lhe com aqueles dentinhos brancos e certos que prometiam, mas não cumpriam, os beijos mais longos. O tipo colou-se-lhe, perante o espanto da audiência. Dançaram e dançaram, perdidamente. Então, num instante de insensatez, Nelson atreveu-se a apalpá-la. Surpreendida, mas sem perder a compostura, Bela puxou-lhe pelo cinto e despejou-lhe a sua cerveja bem fria pelas calças abaixo. Os restantes motoqueiros aplaudiram-na e ulularam. O macho atrevido retirou-se da pista de dança, humilhado, e a praguejar. Era Bela, no seu melhor.

Conheci-a por uma feliz coincidência: era amigo do seu irmão, praticamente unha com carne. Pertencíamos à mesma turma, passeávamos de mota juntos, e ríamo-nos que nem hienas com as gafes da sétima arte. De outra forma, creio que Bela nem olharia para mim duas vezes. De início, quando visitava o irmão, a jovem tratava-me como se eu fosse o homem invisível. Se nos achava na cozinha, a beber cerveja, às escondidas do pai deles, dirigia a palavra ao mano e nunca a mim. Depois, descobriu que adulávamos as mesmas bandas, e operou-se um milagre: chegou a ter uma conversa de quinze minutos ininterruptos comigo. Senti-me como um deus.

Naquele tempo, quem quisesse curtir longe dos indiscretos possuía apenas uma opção válida: o Monte de Santa Luzia, à noite. A paisagem, só por si, valia uma visita. Do alto, avistava-se a cidade, um manto de luzes multicolores e coruscantes, e o recorte escuro da serra, rasgando o céu noturno. Como se houvesse um código secreto de decoro, os jovens estacionavam os automóveis e as motas a uma distância razoável dos outros, coibindo-se de lançarem piropos ou olhares atrevidos. Neste cenário tranquilo, bastavam algumas baladas na rádio para que as raparigas se derretessem de romantismo e, claro, de desejo.

Em agosto, eu tinha uma namorada culta (tinha lido metade dos livros da biblioteca

escolar), e divertida, em igual dose. Era uma pequena fada de aparelho nos dentes, algo gorducha, e pele tão branca que parecia brilhar na escuridão. Vestia-se sempre de negro e tentava converter-me à música gótica de uma série de bandas de nomes melancólicos. Num feriado à noite, levei-a na minha Kawasaki para contemplar a paisagem (desculpa oficial) e beijá-la delirantemente (projeto oficioso). Tudo correu como previsto. Quando me afastei para urinar atrás de uma árvore, verifiquei que não estávamos sós: mais abaixo, numa curva do monte, havia dois vultos. Para espanto meu, eram Bela e o motoqueiro de cabelo loiro que a adolescente rejeitara no salão de jogos. A rapariga encontrava-se em pé e ele, no solo, inanimado, junto a uma poça de sangue. Ao lado, a mota, caída na relva. Na altura, só me ocorreu que tivessem sofrido um acidente grave.

“Bela!”, gritei.

A rapariga virou o rosto na minha direção, sem me responder. E atirou um seixo, que rolou pela encosta abaixo.

“Precisas de ajuda?”

Ela respondeu um sumido “sim”.

Desci a trote a encosta até junto deles. Bela encontrava-se descalça; a camisola de manga curta, rasgada num dos ombros; tinha uma equimose no rosto e os braços arranhados. O motoqueiro perdera metade do rosto, provavelmente desfeito pela pedra que a jovem lançara para longe.

“O que se passou?”

“Ele, ele...”, murmurou Bela, em choque.

“Ele tentou...?”

Bela assentiu. Quis abraçá-la, mas repeliu-me, com força.

“Temos de chamar a ambulância”, sugeri.

“Não adianta. Ele está morto.”

“Era para ti, Bela, não para ele.”

“Estou bem. Livra-me disto, por favor”, suplicou-me, apontando para ele.

Respirei fundo. Algo aprendi com quilómetros de película de filme: os planos simples têm mais hipóteses de funcionar. Venci a repugnância que aquela meia cabeça ensanguentada me causava. O motoqueiro era pesado, mais do que supunha. A custo, consegui (sozinho, porque Bela recusava-se a tocar-lhe) empoleirá-lo na máquina. Fiz a ignição e empurrei-o pela encosta abaixo. O cavaleiro e a mota precipitaram-se. Ele saltou do selim e embateu nalgumas pedras. A máquina prosseguiu, com um rugido, até explodir numa bola de fogo e se dilacerar em estilhaços. Com sorte, pareceria um acidente ou um suicídio.

De súbito, ouvi passos atrás de nós. Voltei-me e verifiquei ser a minha namorada. Tinha

assistido a tudo. Tapara a boca, incrédula, os olhos esgazeados de terror. Segurei-lhe nos braços e ordenei-lhe:

“Escuta-me com atenção. O que aconteceu aqui, hoje, é para esquecer, certo?”

“Sim”, replicou com voz débil.

“O tipo teve o que merecia.”

As raparigas entreolharam-se.

“Agora, vou levar-te a casa”, declarei à minha namorada. “Depois, venho buscar a Bela.”

“Não me deixes aqui!”, implorou-me Bela.

“É impossível levar as duas. Prometo-te que, daqui a vinte minutos, estou de volta.”

Assim fiz: a toda a velocidade, cortando curvas, acelerando perigosamente, sob o efeito da adrenalina e da aflição. Após ter largado a minha namorada em casa, regresssei. Encontrei Bela de pé, na berma da estrada, à minha espera. Estava descalça, em lágrimas, com os braços encolhidos. Dei-lhe boleia, como prometera. Fez-me jurar que jamais contaria a alguém o sucedido.

Decorreram quase vinte anos, desde o instante epifânico em que admirei Bela pela primeira vez no salão de jogos. Pressentindo que a encontraria no mesmo lugar, uma pontinha de nostalgia fez-me vir beber uma cerveja e talvez trocar dois dedos de conversa. Mas o passado nunca é tão grandioso como o recordamos. Mesmo numa sexta à noite, quando metade da cidade sai para se desintoxicar do trabalho, o salão é um pálido reflexo do que foi. Quase vazio e escuro como uma caverna. Onde antes rodopiavam jovens lindas, jovens atrevidas, jovens com aparelho nos dentes, jovens com perfume de pastilha elástica de menta, apenas voltejavam a poeira e as memórias.

No bar, só dois motoqueiros, um tanto ou quanto inebriados, recordam estradas de fogo e canções gastas, e discutem o preço das portagens. Até as máquinas de jogos, que deram nome ao salão, já passaram de moda, emagrecem sem as moedas que as alimentavam, e algumas “flippers” nem funcionam, porque sai dispendioso consertar o emaranhado de fios que corre no seu ventre. Tudo passa, menos a memória dos dias gloriosos.

Encontrei Bela, ali, a desfazer asteroides, com a mesma perícia de sempre, mas tão solitária. Uma princesa já sem séquito.

Contemplei-a longamente.

Ganhou algum peso, principiaram as rugas ao redor dos seus olhos e o cabelo, agora, é curto. Ainda ginga as ancas, esmurra as máquinas, e atrai alguns olhares pois é uma lenda local e faz parte da mitologia da nossa adolescência. Trocou as camisolas de manga-curta por um vestido longo e negro. Nas costas nuas, tem uma nova tatuagem. Representa um motoqueiro em chamas, acelerando para o precipício mortal.

O labirinto da insónia

Em certas noites, adormeço num sono escuro, como se flutuasse num poço. Noutras, acordo pelas três ou quatro da manhã, imaginando que asfixio. Penso: todo o oxigénio do planeta foi cuspidado para as estrelas e não me restam mais de cinco minutos de vida. Quando sou assaltado por tal fobia, sinto um medo espesso. Cerro os olhos com força, reviro-me na cama e concentro-me no vento longínquo, que é o mais perto de coisa nenhuma. Porém, tal tentativa de me distrair raras vezes resulta.

Por vezes, recorro a outra estratégia: foco-me nos ruídos familiares que se evolvem dos subúrbios onde vivo. Os cães vadios uivam à lua; os amantes despedem-se em voz baixa e trocam juras de amor eterno; o carro patrulha da polícia varre a pente fino os subúrbios; uma ambulância passa na direção da autoestrada; o último comboio cruza a noite de regresso à cidade, exausto, num batuque lento, levando consigo os trabalhadores do turno da noite. Tudo isto é território meu conhecido e agrada-me. São ruídos que me tranquilizam, como os dedos frios da mãe na testa febril de uma criança.

No entanto, o silêncio não existe. Mesmo nas noites quietas, a meio da semana, quando toda a gente tomba esgotada, após mourejar ao longo do dia, ergue-se outro som. É impossível de ignorar e apenas eu o escuto. Assemelha-se ao marulhar discreto de um rio subterrâneo, correndo sob a minha cama. Não sei onde nasce esse rumor, quase subconsciente; porém, assusta-me tanto que não o suporto mais do que alguns minutos. Penso que vou enlouquecer, o coração dispara, a respiração torna-se ofegante, as mãos gelam, entro em pânico.

Quando tal acontece, desisto de lutar contra a insónia, e levanto-me da cama de lençóis desalinhados, por vezes, caídos no chão. Só então percebo que dei voltas e reviravoltas inúteis, para tentar conciliar o sono. Sento-me durante uns momentos na beira do leito, esfrego os olhos, espreguiço-me e levanto-me, numa resignação melancólica.

São exatamente três horas da madrugada. Ligo a luz da casa de banho, e contemplo-me no pequeno espelho. O meu rosto parece a face de um estranho, olhos brilhantes, cabelo em desalinho, lábios gretados, face pálida. Passo a cara por água fria. Deixo-me ficar, em silêncio, de mãos apoiadas no lavatório, a olhar para o meu reflexo, até varrer qualquer reminiscência de sono.

Conheço-me bem e sei que não me resta outra hipótese. Se não quero dissipar horas e horas contemplando o teto do quarto; se não planeio assistir a uma maratona de filmes policiais a preto e branco na televisão, até o sol raiar; se não desejo engolir mais um comprimido para dormir, de uma caixa quase no fim; se não quero marinar em recordações melancólicas — então, tenho de correr. É a única atividade que, verdadeiramente, me acalma.

Visto um fato de treino com refletores, calço as sapatilhas gastas e coloco o relógio de pulso. Depois, abro a porta de casa cautelosamente para não ranger e alarmar os vizinhos, e aspiro o cheiro fresco da noite. Inclino-me para trás e deixo o medo sair dos pulmões e a tensão dissolver-se, aos poucos. Faço alguns breves exercícios de aquecimento, em especial porque torci um pé, que ainda me dói se o esforço em demasia.

Estou preparado. Faço-me à rua vazia, exultante, como um cão há demasiado tempo preso numa casa exígua. Corro pelo meio da estrada silenciosa, por entre filas de casas suburbanas, todas iguais, com jardins idênticos e piscinas da cor do oceano visto do espaço. Os residentes encontram-se mergulhados numa quietude invejável, gozando o merecido repouso após a jornada de trabalho. Ou a sonhar com férias em ilhas dignas de postal, nos braços da pessoa que amam. No entanto, também eu conquistei a minha paz, finalmente: os únicos sons que oiço são dos meus passos velozes a bater no alcatrão e da respiração agitada, num ritmo que me faz sentir vivo.

Amo o ar da noite a limpar-me os pulmões; por vezes, é tão frio que arde na garganta. Choveu, nas poucas horas em que dormi, antes da insónia. As luzes de néon azuis, cor-de-rosa e verdes das lojas refletem-se nas poças de água, fazendo a rua parecer uma paleta de aguarela. Aspiro o cheiro forte da terra, vindo das sebes da vizinhança, impecavelmente aparadas, e das árvores escuras a ladearem a rua.

De súbito, reparo nos atacadores da sapatilha direita desapertados. Coloco o pé no lancil do passeio e ato-os com força, para que não se soltem, de novo. Enquanto isso, assalta-me a estranha sensação de estar a ser observado. Pelo canto do olho, verifico que a minha suspeita não é infundada. No outro lado da rua, entre duas árvores, iluminada por um candeeiro, encontra-se uma jovem. É atraente, na casa dos vinte anos, magra, de cabelo loiro, apanhado por uma bandolete, vestida com “leggings” azuis e uma camisola verde-néon. Está a fazer exatamente o mesmo: a atar os cordões dos ténis.

A jovem termina, ergue-se e contempla-me em silêncio, durante alguns instantes. Estará receosa de que eu possa ser um assaltante ou um violador prestes a atacar? Àquelas horas da noite, nos subúrbios, não seria caso inédito. Ainda há dois dias desapareceu uma rapariga, como me recordo de ter visto nas notícias da televisão local. Ou, pelo contrário, será que me conhece de algures? Talvez do ginásio ou do bar que frequento. Tenho a vaga sensação de que aquele rosto não me é, de todo, estranho — embora não me consiga recordar do nome dela, nem da profissão, nem de qualquer outro pormenor.

Aceno-lhe com a mão, num cumprimento tímido. Ela imita-me e sorri. Hesito: será que devo atravessar a rua e dizer-lhe “olá, boa noite”? Tudo parece surreal, às três e picos da manhã, nas ruas vazias dos subúrbios.

Antes de poder decidir-me, a rapariga larga a correr, abrandando, olha para trás, e sorri-me de novo. Trata-se de um convite para a acompanhar. Apesar de eu ser um estranho, talvez se sinta mais segura na minha presença.

Seja. Endireito as costas e sigo-a.

A jovem encontra-se em boa forma. Corre mais rapidamente do que eu, em passadas certas e experientes. Também parece conhecer as ruas do bairro, porque evita, com cautela, os buracos na estrada, sabe onde o passeio é mais escorregadio, e corta sempre para as vias mais abertas. Sigo-a, divertido, embora me custe acompanhar o seu ritmo célere.

A rapariga abrandando um pouco, ao chegar a um cruzamento, com as luzes amarelas intermitentes, indicando que os semáforos não estão a funcionar. Olha para trás, talvez para se certificar de que ainda a sigo. O seu rosto é agradável e tentador. Não acalento, agora, a mínima dúvida de que deseja que vá no seu encalço.

Porém, de súbito, uma sombra cruza a minha mente. E se esta corrida noturna não for uma mera competição entre dois estranhos insones? A jovem pode estar a atrair-me para uma armadilha, um beco, onde um ou mais indivíduos se encontrem preparados para me assaltarem. Não levariam nada, pois deixei a carteira em casa, como sempre faço quando corro. Poderiam vingar-se, espancando-me. Por outro lado, quem estaria à espera de encontrar um corredor às três da manhã?

A rapariga recupera o fôlego e arranca de novo, dirigindo-se para a praia. Sempre admirei o mar à noite, sobretudo quando o oceano está revolto, as ondas se enrolam e rebentam em espuma, o marulhar competindo com o silvo do vento e a gargalhada das gaivotas. Já escuto o longínquo som das águas e sinto o aroma forte da maresia. Tento acompanhá-la, sempre uma vintena de metros mais atrás, distância segura para não a amedrontar.

A jovem estaca de novo. Vira-se para mim e caminha uns passos de costas. O seu semblante exibe agora uma expressão diferente, um ar de urgência ou mesmo de aflição. Quer, à viva força, que a siga, e está a dar-me tempo para recuperar o meu atraso. Acelero a corrida. Parece satisfeita, volta-se para a frente, e prossegue.

Entramos agora na esplanada vazia, os toldos, mesas e cadeiras metálicas dos restaurantes recolhidos pelos proprietários durante a noite, para evitar roubos e vandalismo. Cruzamo-la num minuto. Sinto a brisa fresca do mar arder-me na garganta e a excitação do exercício apoderar-se de mim.

A rapariga volta ligeiramente a cabeça, para se certificar de que a sigo. Corre, agora, através do longo pontão que conduz ao farol da praia. O seu ritmo abrandando paulatinamente, até que para. Dobra as costas e poisa as mãos nos joelhos, em busca de fôlego. Também ela se encontra exausta. Depois, aproxima-se com cautela da beira do pontão e olha fixamente para

os enormes blocos de pedra e de cimento que o ladeiam e protegem da força do mar.

Consigno alcançá-la em escassos segundos.

Cumprimento-a, efusivo:

“Olá! Ganhou a corrida! Parabéns!”

Não replica, nem se volta na minha direção.

“Está em boa forma”, elogio, aguardando uma resposta.

Porém, a jovem continua em silêncio e não desvia o rosto das enormes pedras. Olho na mesma direção, tentando descortinar o que tanto a absorve. Está uma noite escura e os espaços entre os blocos são constantemente lambidos pelo oceano.

A jovem aponta, com o braço estendido, para um dos pedregulhos, a escassos metros do local onde nos encontramos. A custo, consigo divisar o que parece ser um vulto humano, deitado em posição fetal, entre dois blocos. Um dos braços surge retorcido de tal modo que só pode estar fraturado.

“Oh, está ali uma pessoa caída!”, exclamo.

Olho para a jovem. Assente com a cabeça, mas sem produzir um único som.

Calculo que seja possível descer até ao local. Dispo o casaco do fato de treino, ficando apenas em camisola, para ter maior liberdade de movimento. Com extrema cautela, pois as pedras encontram-se escorregadias pela água da maré vazante, inicio a descida. Não é tarefa fácil. Um pé em falso e posso fazer companhia à pessoa caída. Procuo pontos de apoio mais secos para os pés e arestas onde possa agarrar-me. Pouco a pouco, aproximo-me do vulto e percebo, pela forma, que se trata de uma mulher, embora o rosto não seja visível pois encontra-se oculto por uma das mãos.

“Senhora! Está consciente?”, as minhas palavras misturam-se com o rugido do mar e não obtêm resposta. “Responda!”

Finalmente, chego a uma face mais lisa da pedra e consigo alcançar a pessoa sinistrada. Tomo-lhe o pulso, mas não sinto nada. É frio e rígido, como seria de esperar de um cadáver que há muitas horas se encontra ali.

Volto-lhe o rosto e examino-o. Para meu horror, verifico que a conheço. É a jovem que fez a corrida noturna comigo.

Sinopse

Contos de amor, desejo e perda é um conjunto de doze histórias marcadas pelo signo da solidão. Apresentam dois amantes em fuga, um psicopata que paga um preço demasiado alto, uma jovem com um segredo perigoso, um peregrino em busca da santidade, um ex-combatente a braços com a paz, etc. Em comum, todas estas personagens se encontram no limite e procuram a redenção através do amor. Contos ora de suspense, ora centrados em figuras perturbadoras, sempre pautados por uma escrita exímia, permanecem na memória do leitor.